

O texto de Joseli Maria Silva, Edson Armando Silva e Ivan Jairo Junckes, respectivamente geógrafa, historiador e cientista social, constitui-se em rica e oportuna contribuição para pesquisadores de diferentes disciplinas da área das ciências sociais. Clareza, concisão e objetividade caracterizam o conteúdo do livro, escrito de forma simples e correta. Por outro lado, o texto está impregnado da experiência profissional dos autores, professores universitários que se defrontam, dia a dia, com questionamentos e angústias de seus alunos. (...) Mas ressalto enfaticamente a leveza e alegria que o texto contém e exprime. A leitura é fácil, enriquecida com figuras e "boxes" que ilustram o livro e o tornam ainda mais acessível, proporcionando, em vez de uma leitura usualmente pesada, um agradável exercício que contribuirá muito para a elaboração de projetos de pesquisa em ciências sociais. (...) Geógrafos e não-geógrafos sentem-se brindados com este rico trabalho a respeito dessa razão de ser de cada um de nós que, enquanto acadêmicos, produzimos, antes de tudo, trabalhos científicos bem elaborados, capazes de tornar inteligível a ação humana na superfície terrestre. Esta tarefa permanente é agora facilitada.

Roberto Lobato Corrêa (UFRJ)



Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa



elaboração crítica de projetos de pesquisa

JOSELI MARIA SILVA
EDSON ARMANDO SILVA
IVAN JAIRO JUNCKES



Joseli Maria Silva é doutora em Geografia pela UFRJ, Edson Armando Silva é doutor em História pela UFF e Ivan Jairo Junckes é doutor em Sociologia Política pela UFSC.

Os três autores reuniram suas experiências como docentes na área de metodologia da pesquisa nos níveis de graduação e pós-graduação e escreveram este livro, com o objetivo de contribuir com a formação de pesquisadores críticos de seu papel como cientistas.

Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa

Joseli Maria Silva, Edson Armando Silva e Ivan Jairo Junckes

Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná

Diretoria:
Presidente: Tomás Barreiros
Vice-presidente: Zaclis Veiga
Secretário-Geral: Emerson Castro
Tesoureira: Rosângela Stringari
Diretor de Planejamento: Alexandre Castro
Diretora Cultural: Solange Stecz

Conselho Editorial:
Solange Stecz (presidente)
Cleide Luciane Antoniutti
Elza de Oliveira Filha
Fábio Marchioro
Marcelo Lima

Editora do Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná
Rua 1º Ministro Brochado da Rocha, 315 – CEP 82120-100 – Curitiba – Pr
Tel (41) 33173025 - (41) 33173043 – posescrito@hotmail.com

O Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná não se responsabiliza pelas opiniões manifestadas nos textos aqui publicados, que são de responsabilidade dos autores.
Impresso no Brasil – Printed in Brazil

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Positivo – Curitiba – PR

S586 Silva, Joseli Maria.
Construindo a ciência : elaboração crítica de projetos de pesquisa / Joseli Maria Silva, Edson Armando Silva, Ivan Jairo Junckes. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.
92p.
ISBN: 978-85-89937-19-1
1. Pesquisa – Metodologia. 2. Projetos – Pesquisa. I. Título.
CDU 001.8



elaboração crítica de projetos de pesquisa

JOSELI MARIA SILVA
EDSON ARMANDO SILVA
IVAN JAIRO JUNCKES



pós-escrito



Creative Commons License Deed
Atribuição-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil

Você pode:



copiar, distribuir, exibir e executar a obra



Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

Revisão
Sozângela Schemin da Matta

Projeto gráfico e diagramação



Rua Cel. Francisco Ribas, 659
Ponta Grossa – Paraná – 84010-260
Fone/fax: (42) 3027-3021
estudiotexto@estudiotexto.com.br
www.estudiotexto.com.br



SUMÁRIO

PREFÁCIO	09
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
1 O CONHECIMENTO É UM PROCESSO	17
2 INICIANDO UMA PESQUISA	21
2.1 Evite a crença na inspiração divina e fuja da “gula livresca ou estatística”.....	22
2.2 Não queira responder àquilo que ainda nem foi perguntado.....	24
2.3 Evite tentar impressionar com expressões que nem mesmo você compreende a razão de sua utilização.....	25
3 O PROCEDIMENTO CIENTÍFICO	27
3.1 A ruptura.....	28
3.2 A construção.....	30
3.3 A verificação.....	31
4 AS ETAPAS DA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA	33
4.1 Etapa 1 – A pergunta de partida.....	33
4.1.1 Critérios para elaboração da pergunta de partida.....	35
4.1.1.1 Clareza.....	35
4.1.1.2 Exequibilidade.....	37
4.1.1.3 Pertinência.....	38
4.2 Etapa 2 – A exploração do campo de pesquisa..	40

4.2.1 A exploração por meio das leituras.....	41
4.2.1.1 Critérios para selecionar as leituras.....	43
4.2.1.2 Sugestões para encontrar leituras precisas.....	44
4.2.1.3 Trabalhando as leituras.....	47
<i>A apreensão da leitura.....</i>	49
<i>Elaborando um resumo.....</i>	50
<i>Comparando ideias nos textos.....</i>	52
4.2.2 A exploração através das entrevistas.....	53
4.2.2.1 Os interlocutores importantes para a pesquisa.....	55
4.2.2.2 As características das entrevistas exploratórias.....	57
4.2.2.3 A utilização das entrevistas exploratórias.....	60
4.2.3 A exploração através da observação e da consulta aos documentos.....	61
4.3 Etapa 3 – A problemática.....	64
4.3.1 O que é uma problemática.....	64
4.3.2 Elaborando uma problemática.....	65
4.4 Etapa 4 – O modelo de análise.....	71
4.4.1 A questão central/os objetivos.....	71
4.4.2 A base conceitual.....	72
4.4.3 Uma ilustração.....	75
4.5 Etapa 5 – A construção da operacionalização da pesquisa.....	83
4.6 Etapa 6 – A apresentação do projeto de pesquisa.....	85
5 BIBLIOGRAFIA.....	91

PREFÁCIO

O conhecimento científico distingue-se de outras formas de conhecimento como o artístico e o religioso. Distingue-se também do conhecimento do senso comum. Esta distinção, contudo, não coloca o conhecimento científico em um patamar mais elevado, mas apenas marca as diferenças entre este e aqueles. Esta diferença não diz respeito ao conteúdo, aquilo que é conhecido ou supostamente conhecido mas, ao(s) método(s) como este conhecimento é produzido. O conhecimento científico tem os seus próprios caminhos, ora associado a uma forma em árvore, ora a uma forma em rizoma. Sempre é um caminho longo, com etapas, árduo, com armadilhas e entaves, para os quais o pesquisador deve se preparar.

A preparação do pesquisador constitui-se em tema que suscitou inúmeros trabalhos, produzidos por pesquisadores de diversas formações acadêmicas, das ciências naturais, das ciências sociais e hu-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

manidades, e da filosofia. Não há consenso entre eles e em muitos casos posições taxativas e fechadas são apresentadas. Os debates são também numerosos e enriquecedores.

O texto de Joseli Maria Silva, Edson Armando Silva e Ivan Jairo Junckes, respectivamente geógrafa, historiador e cientista social, constitui-se em rica e oportuna contribuição para pesquisadores de diferentes disciplinas da área das ciências sociais. Clareza, concisão e objetividade caracterizam o conteúdo do livro, escrito de forma simples e correta. Por outro lado, o texto está impregnado da experiência profissional dos autores, professores universitários que se defrontam, dia a dia, com questionamentos e angústias de seus alunos.

Ressalto aqui as quatro etapas centrais no processo de elaboração crítica de projetos de pesquisa: a pergunta de partida; a exploração de textos, de entrevistas, documentos e observações; a problemática; e a construção do modelo de análise. Estas etapas são essenciais, mas não as únicas, no encaminhamento de um projeto de pesquisa.

Mas ressalto enfaticamente a leveza e alegria que o texto contém e exprime. A leitura é fácil, enriquecida com figuras e "boxes" que ilustram o livro e o tornam ainda mais acessível, proporcionando, em vez de uma leitura usualmente pesada, um agradável

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

vel exercício que contribuirá muito para a elaboração de projetos de pesquisa em ciências sociais.

Como geógrafo, quero enfatizar que a geografia não difere, no plano geral, das outras ciências sociais e, nesse sentido, a proposição de elaboração de projeto de pesquisa de Joseli, Edson e Ivan é um utilíssimo guia. Mas para o geógrafo a dimensão espacial do aspecto selecionado para investigação é crucial. Nesse sentido a dimensão espacial deve estar presente na pergunta de partida e na problemática, tal como Joseli Maria Silva considerou em sua tese de doutoramento sobre as representações sobre a verticalização na cidade de Guarapuava, Paraná.

Geógrafos e não-geógrafos sentem-se brindados com este rico trabalho a respeito dessa razão de ser de cada um de nós que, enquanto acadêmicos, produzimos, antes de tudo, trabalhos científicos bem elaborados, capazes de tornar inteligível a ação humana na superfície terrestre. Esta tarefa permanente é agora facilitada.

Roberto Lobato Corrêa – UFRJ
Junho de 2008

APRESENTAÇÃO

Resolvemos elaborar esse material como recurso didático para auxiliar o desenvolvimento do trabalho de cada aluno que hoje enfrenta a difícil tarefa de produzir um trabalho científico. A partir das nossas experiências, algumas realizadoras e outras angustiantes, encontramos as referências que hoje sistematizamos neste documento, como uma pequena contribuição na trajetória de pesquisa a ser desenvolvida por vocês.

Este material não esgota a necessidade de um progresso de aprendizagem, pois ele é apenas um mapa de exercícios e reflexões para quem se encontra diante do desafio da pesquisa, da produção do novo. Muitas perguntas, medos e inseguranças surgirão nesse processo, mas não há absolutamente nada que não possa ser vencido quando se dá um passo após o outro com a certeza de que nossa capacidade criativa é imensa. Contudo, a capacidade criativa não surge do nada, é fruto de nosso próprio esforço.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

Existem duas espécies de atitudes que as pessoas tomam diante do novo, do inesperado. Uma delas é aceitar o desafio, jogar até o final e saborear a conquista. A segunda é fugir amedrontada e passar a vida lamentando-se pela oportunidade perdida e pensando que poderia ter vencido. Nós acreditamos que todos nós somos pessoas plenamente capazes de encarar com coragem os desafios que nos são apresentados! Assim, o desafio está lançado!

INTRODUÇÃO

Durante nossa experiência docente na universidade nos deparamos várias vezes com o desafio de desenvolver a disciplina de 'metodologia da pesquisa'. Em geral, é uma disciplina evitada pelos professores e temerosa por partes dos alunos. Isso se deve ao fato de que a metodologia da pesquisa baseia-se no princípio de que só há produção de conhecimento através da investigação, da reflexão e da pesquisa. Assim, ela conduz o aluno a produzir seu próprio conhecimento ao mesmo tempo em que coloca o professor em um papel coadjuvante, instigando a vigilância e a reflexão crítica de cada etapa da pesquisa a ser desenvolvida por seus alunos.

O conteúdo deste documento está baseado em algumas obras que, particularmente, nos provocam grande inspiração. Referimo-nos aos escritos da rica experiência de Roberto Lobato Corrêa, da exposição metódica de Raymond Quivy e Luc Van Campe-nhoudt da profundidade das idéias de Pierre Bour-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

dieu. Nossa contribuição é o resumo, compilação e organização do conhecimento produzido por tais autores, além de alguns comentários próprios de nossa experiência de pesquisa. Tais obras básicas devem ser consultadas para que cada um de vocês possa elaborar suas próprias reflexões e interpretações.

O culto à ciência deve dar lugar ao debate e, por mais que ela conserve uma herança cultural de saberes, a universidade não deve ser o lugar para ensinar certezas, mas de construir os caminhos para a formação de pessoas capazes de desenvolver um espírito crítico e investigativo. Este documento, portanto, não tem a pretensão de se constituir num único caminho a ser seguido, mas de apontar algumas direções e princípios que os levem ao desenvolvimento da prática de pesquisa e que facilite a superação dos obstáculos que estarão presentes em suas trajetórias individuais. A organização interna deste texto segue o percurso de construção do projeto de pesquisa, envolvendo desde as primeiras aproximações com a atividade investigativa até a apresentação de um documento que se constitua numa importante referência em sua trajetória de pesquisa.

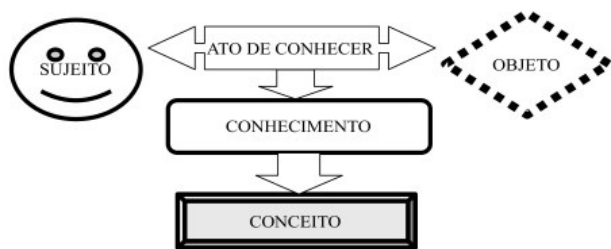
1 O CONHECIMENTO É UM PROCESSO

Desde que nos encontramos no mundo, desenvolvemos o “ato de conhecer” e de dar sentido à realidade, conforme afirmam Berger e Luckmann (1987). Luckesi e Passos (2002, p. 17) argumentam que “o conhecimento é a compreensão / explicação sintética produzida pelo sujeito por meio de um esforço metodológico de análise dos elementos da realidade, desvendando a sua lógica, tornando-a inteligível.” Assim, nossa existência se viabiliza pelas formas com que nos apropriamos e damos sentido aos objetos do mundo, e esse processo envolve quatro elementos interdependentes:

- o **sujeito** que constrói a faculdade da inteligibilidade;
- o **objeto** que é o mundo exterior ao sujeito;
- o **ato de conhecer** que é o processo de interação que o sujeito efetua com o objeto (analítico);
- o **conceito** (resultado do ato de conhecer) que

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

é a explicação que pode ser comunicada (sintética).



A compreensão da produção do conhecimento é uma preocupação da sociedade moderna, cuja dinâmica se organiza em campos que formam um par simultaneamente complementar e oposicional: o conhecimento oriundo do **senso comum** e o conhecimento **científico**. O primeiro campo é compreendido como o conhecimento que emana da experiência cotidiana, necessário à vida e aleatório, e o segundo, o conhecimento científico, é intencional, voluntário e metódico. Sem negar a validade relativa do senso comum, a produção do conhecimento científico faz uso obrigatório de alguns recursos metodológicos:

- toma o objeto de estudo como parte de um todo;

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

- torna o objeto singular como um representante do universal;
- toma o objeto como manifestação aparente de que se necessita desvendar a essência;
- toma o objeto de estudo como resultado de um passado.

O desafio de produzir um conhecimento que rompa com as amarras do senso comum é o que está colocado no meio acadêmico e científico. Os pesquisadores principiantes ou experientes devem ter claro que o método científico se dá na construção da própria pesquisa e que é preciso eterna "vigilância epistemológica", para utilizar os termos de Pierre Bourdieu, a fim de fazer valer a prática do investigador científico sobre seus convencimentos baseados no senso comum.

2 INICIANDO UMA PESQUISA

Iniciar uma pesquisa científica provoca a ansiedade relativa a uma busca de algo que pouco conhecemos. Em geral, fruto da própria mitificação da ciência moderna, os alunos imaginam que suas pesquisas devem resultar em complexas soluções para diversos problemas da humanidade. Com o desenrolar dos trabalhos de investigação freqüentemente ocorre uma fase de desalento, na qual a sensação de incapacidade se avoluma e toma conta do pesquisador iniciante, e, não raras vezes, de outros já bem experientes. Entretanto, cabe lembrar aqui a “*Lei da incompetência compensada*”, de Murphy: “nenhuma experiência é um fracasso completo – sempre pode servir como exemplo negativo” (Bloch, Artur)¹. É claro que ninguém quer chegar ao final de uma pesquisa e ter que se contentar com a tal lei da compensação. Por isso, é bom atentar para os

¹ Texto extraído de BLOCK, Arthur. *A lei de Murphy*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

bons conselhos oferecidos por Quivy e Campnhoudt (1992) que alertam para o perigo de alguns desvios que podem resultar na frustração de sua trajetória investigativa.

Primeiramente saiba que é perfeitamente normal o sentimento de incapacidade e angústia iniciais. O caos instalado é típico do desenvolvimento de um espírito investigativo mas, mesmo assim, é bom sair dele o quanto antes. Em seguida, lembre-se que existem algumas armadilhas comuns no campo da ciência que devem ser evitadas, embora seja corriqueiro o fato de muitos pesquisadores tornarem-se seus conhecidos reféns. Para evitar ser vítima da “Lei da incompetência compensada de Murphy” siga os conselhos a seguir.

2.1 Evite a crença na inspiração divina e fuja da “gula livresca ou estatística”

Ao iniciar a sistematização do caminho das pesquisas os alunos olham para todas as direções e buscam em todos os lugares uma tal “inspiração” para, enfim, estabelecer um tema e um objetivo para sua

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

pesquisa. Alguns esperam que um raio celeste caia sobre sua cabeça e “ilumine” suas idéias, sem ao menos se mexer do lugar. Outros, dissimulando a mesma crença, começam a coletar e tentar assimilar inúmeros livros, artigos, páginas da *web*, planilhas, relatórios de estudos de organismos mundiais, matérias jornalísticas, vídeos, fotos, sons, panfletos e demais registros de mil e um assuntos diferentes como se, ao observar algum desses recursos, estivesse ali, em algum ponto surpresa, a “sabedoria mágica”.

Acreditar que a inspiração é um fenômeno que ocorrerá sem esforço, com certeza, é o caminho mais curto para encontrar o desânimo depois de muitos dias entediados à espera dela. Quem tentar devorar inúmeras informações sem seleção anterior, em poucos dias será vencido pelo cansaço e desânimo. Assim, seja prudente e leia atenciosamente textos cuidadosamente selecionados, coletando e interpretando com atenção os dados estatísticos que sejam mais significativos. Quivy e Campnhoudt (1992) argumentam que quando a lei do menor esforço é bem empregada no trabalho investigativo ela leva ao caminho mais curto e mais simples para o melhor resultado. Isto implica insistir no seguinte argumento: **“nunca inicie um trabalho importante sem definir o que procura”**. Caso você já tenha começado

sua caminhada de forma equivocada, pare, retorne e reinicie os procedimentos com cautela.

2.2 Não queira responder àquilo que ainda nem foi perguntado

A busca de dados e a elaboração de técnicas é, muitas vezes, um procedimento que se desenvolve sem que o pesquisador tenha clareza daquilo que necessita saber. Desgasta-se elaborando questionários, realizando entrevistas, gráficos e tabelas sem ter nem ao menos cumprido os primeiros passos de uma pesquisa sistemática. Só podemos escolher a técnica adequada, o procedimento mais eficiente quando se sabe a natureza dos dados que se necessita recolher e isso, necessariamente, implica na definição do objeto de pesquisa. Afinal, para que servem elaboradas técnicas de coleta de informações quando não se sabe aquilo que se quer responder? Ou seja, **não se precipite no acúmulo e tratamento de informações, por mais nobres e sofisticadas que sejam, quando você ainda não determinou aquilo que quer investigar.**

2.3 Evite tentar impressionar com expressões que nem mesmo você compreende a razão de sua utilização

Não é necessário expressar-se de forma ininteligível para 'parecer' inteligente ou ganhar credibilidade no meio acadêmico. Pelo contrário, a clareza e a objetividade das idéias expressas revelam muito mais a capacidade intelectual do pesquisador do que a forma rebuscada utilizada para ostentar um raciocínio que, na maior parte das vezes, é incompreensível até mesmo para quem o formulou. As frases de efeito, que geralmente conduzem para um dispensável vazio, também são comuns nos primeiros momentos daqueles que pensam que seus leitores têm a obrigação de admirar tais escolhas infelizes. Para treinar saídas a essas armadilhas faça um demorado exame crítico das expressões utilizadas em alguns de seus textos e julgue se você consegue compreendê-las e se gostaria de vê-las em um texto que tenha um estilo semelhante ao seu. Lembre-se: **expresse suas idéias com simplicidade, clareza e, principalmente, autenticidade.**

Após esta rápida exposição de alguns dos equívocos que podem nos levar ao fracasso de uma in-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

investigação, vamos abordar formas de começar uma trajetória de trabalho confiável, iniciando com os princípios do procedimento científico.

3 O PROCEDIMENTO CIENTÍFICO

O procedimento científico permite avançar na direção do objetivo da investigação, colocando em prática alguns princípios comuns, bastante simples. Bourdieu *et al.* (2004) argumentam a necessidade de refletir sobre os “atos epistemológicos” e os obstáculos presentes em cada um deles. Baseados na obra de Gaston Bachelard, os autores consideram que o processo científico ocorre em uma tríplice passagem – **a ruptura, a construção e a verificação** – e criticam a separação desses atos que, para eles, são inevitavelmente realizados de forma interdependente e relacionada. Nesse sentido, os três atos do procedimento científico, ruptura, construção e verificação, constituem-se mutuamente, e o investigador lhes deve ser fiel, mesmo que eles sejam, necessariamente, particularizados e adaptados a cada um dos fenômenos ou domínios estudados.

Vale aqui reproduzir a argumentação de Bour-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

dieu et al. (2004, p. 73): “afirmar que o fato é conquistado, construído e constatado não é dizer que, a cada um desses atos epistemológicos, correspondam operações sucessivas, equipadas com este ou aquele instrumento específico”. Assim, não há uma hierarquia entre os atos, pois a integração é parte fundamental do procedimento. Ironicamente os autores afirmam que é comum a distinção entre os atos epistemológicos, mas esta é, sem dúvida, prática equivocada que pode dar a “ilusão” de que o pesquisador está progredindo no alcance de seu objetivo de investigação.

3.1 A ruptura

Qualquer abordagem realizada pelo pesquisador a respeito da realidade envolve, inevitavelmente, a trajetória vivida pelo sujeito que pesquisa. As leituras realizadas e os fatos experienciados influenciam a abordagem inicial com idéias que formam opiniões imediatas sobre qualquer que seja o objeto selecionado. As opiniões e os julgamentos que qualquer sujeito realiza através de seu conhecimento produzido no senso comum são fundamentais para que ele viabilize sua existência sem a necessidade de explicitar todos

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

os seus critérios de ação em todos os seus atos. Entretanto, a produção do conhecimento científico exige consciência crítica e método acessível a todos quantos queiram compreender e seguir uma trajetória de pesquisa. Assim, para estabelecer a separação entre a interpretação científica e aquela do senso comum é preciso que os esquemas explicativos sejam submetidos à prova da explicitação completa, ato que rompe com o senso comum e conquista o status de construção científica de um objeto de estudo. Vamos a um exemplo.

Durante todo o período de graduação um determinado grupo de alunos convive com fotos de dejetos de áreas de habitações sub-normais sendo lançados em águas correntes e, simultaneamente, vêem cartazes alertando para a necessidade de educação e preservação ambiental. Sob influência de inúmeros outros fatores, estes alunos incorporam o pré-conceito que versa sobre a influência determinante das áreas de habitações sub-normais, e conseqüentemente de seus habitantes, para a poluição dos mananciais. Sob o manto desta pré-noção concluem a necessidade de medidas urgentes, correccionais e preventivas, sobre esta população. Esquecem-se, entretanto, que o perfil de consumo desses habitantes é pequeno e que os rejeitos por eles produzidos é, em geral, mui-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

to menor do que aqueles produzidos e lançados pela população de alta renda nos mesmos mananciais. Assim, as conclusões precipitadas pela falsa certeza baseada no pré-conceito leva à ações equivocadas. Coloca-se, assim, a relevante necessidade de romper com o senso formatado pelos estereótipos de classe, pelas fotografias e pelos cartazes para explicitar o fenômeno da forma mais abrangente possível já no início dos trabalhos.

3.2 A construção

A ruptura se constitui ao longo do processo da construção mental do objeto da pesquisa e se torna efetiva na problematização. Ou seja, é a partir de uma representação teórica prévia (a problemática), proposta pelo pesquisador, capaz de manifestar, explicitar conceitualmente a lógica do fenômeno que cumprimos a ruptura com as pré-noções e iniciamos a construção do objeto para pesquisa.

Bourdieu *et al.* (2004, p. 48) argumentam que “por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita sub-

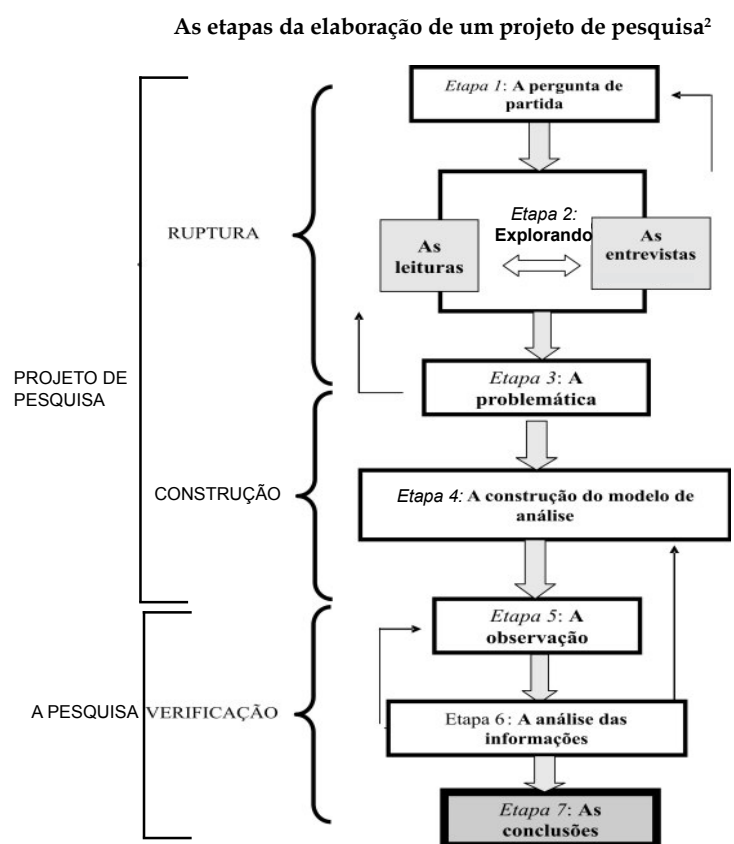
Elaboração crítica de projetos de pesquisa

meter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada”. Enfim, a construção mental indica os caminhos de operacionalização da pesquisa e as hipóteses para o confronto com a observação. O conhecimento científico não valida experimentação fora desta construção teórica de referência.

3.3 A verificação

O estatuto científico de uma proposição é conquistado na medida em que ela é verificada pelos fatos. “Toda experiência bem construída tem como efeito intensificar a dialética da razão e da experiência, mas somente com a condição de que o pesquisador saiba pensar, de forma adequada, os resultados, inclusive os negativos, que ela produz e se interrogue sobre as razões que fazem com que os fatos têm razão de dizer não” (BOURDIEU *et al.*, 2004, p.78). Enfim, o procedimento científico não significa um simples confronto entre a teoria e os fatos no qual hipóteses são confirmadas ou negadas, mas implica um balanço e reconstrução sistemática de proposições teóricas.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA



² Fonte: Adaptação do esquema de Quivy e Campnhoudt (1992, p. 242)

4 AS ETAPAS DA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA

A concretização da investigação exige que os atos do procedimento científico se realizem através da operacionalização de algumas etapas que serão expressas de forma sequencial apenas para demonstração didática. Entretanto, a execução do procedimento científico exige a eterna "vigilância epistemológica" que leva, inevitavelmente, aos processos de interação, retro-ação e avanço entre os atos do procedimento.

4.1 ETAPA 1 A pergunta de partida

O início de toda pesquisa é angustiante para o pesquisador que tem como desafio transformar uma idéia superficial em um projeto de pesquisa operacio-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

nal. Muitas vezes, a angústia torna-se tão acentuada que muitos pesquisadores abandonam o projeto ou perdem-se em ações cuja relação custo-benefício é amplamente negativa. Na pesquisa não há caminho seguro, pois a hesitação e o erro também fazem parte do cotidiano de quem investiga. Assim, é preciso iniciar o trabalho validando-o da melhor forma possível e colocar a investigação em movimento, mesmo tendo a consciência de que jamais estaremos atingindo a perfeição. O desenrolar de uma investigação científica, mesmo repleto de incertezas é muito superior à paralisia provocada pelo temor do erro e, por si só, pode ser muito estimulante.

A procura de um fio condutor inicial mais claro possível para o trabalho é essencial para o início da caminhada de pesquisa. Quivy e Campnhoudt (1992) sugerem que uma forma eficaz para melhor exprimir o que o pesquisador procura investigar é utilizar uma *pergunta de partida*. Todos nós sabemos elaborar perguntas, entretanto o enunciado inicial para o trabalho científico deve seguir certos critérios que facilitam o trabalho de legitimação da pesquisa como a clareza, a exequibilidade e a pertinência. Vejamos do que se trata cada uma dessas regras a serem seguidas.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

4.1.1 Critérios para elaboração da pergunta de partida

4.1.1.1 Clareza

Veja a seguinte pergunta:

Quais os limites espaço-temporais da análise das fronteiras simbólicas dos agentes hegemônicos no processo de flexibilidade múltipla e plural dos complexos sistemas sócio-ambientais na pós-modernidade euroamericana?

Certamente o autor da questão acima esmerou-se para formulá-la e, numa primeira leitura, parece tratar-se de um tema com grande potencial e, nos esforçamos para compreendê-la. Entretanto, todo empenho é inútil quando se trata de tamanha confusão de idéias. Para evitar tal situação é muito simples testar a clareza de sua pergunta. Escreva-a e apresente para seus colegas ou professores. Se depois de apresentar sua pergunta de partida você ainda precisa explicar o que pretende investigar é porque seu enunciado não atingiu a qualidade necessária.

Lembre-se de que uma pergunta formulada de

forma clara promove interpretações que corresponderem à intenção do autor e estimula a disposição de auxílio de colegas e professores de acordo com nossas necessidades. Entretanto, o seu contrário também é verdadeiro, pois uma pergunta precariamente elaborada induz interpretações díspares da disposição do autor e ainda reduz a motivação para a colaboração que nossos interlocutores poderiam apresentar se fôssemos claros e precisos.

Neste ponto vivemos uma situação delicada e eventualmente hilária. Após formularmos deficientemente a pergunta de partida, corremos o risco de que nossos interlocutores, empolgados com aquilo que entenderam de nossa proposta, queiram nos ajudar com conversas, textos, dados, indicações pessoais e outros compromissos que muito pouco têm a ver com aquilo que queríamos dizer e de que precisamos realmente. E o pior ainda ocorre quando nossos parceiros, já cansados de tentar ajudar, desistem de nos entender justamente quando, finalmente, conseguimos nos explicar e, portanto, quando mais precisaríamos de seu auxílio. Portanto, uma pergunta de partida bem elaborada poupa-nos acentuados desgastes e é a porta de entrada para um grande começo.

4.1.1.2 Exequibilidade

Veja o próximo exemplo:

Quais os impactos da adoção do regime de propriedade privada rural pelo parlamento comunista chinês sobre a população idosa da China?

Para que sua pergunta de partida possa ser positiva na condução do caminho de pesquisa realize um balanço da disponibilidade de tempo, recursos financeiros e meios logísticos para o alcance dos objetivos. Vejamos o caso da pergunta acima, em que o acontecido é recente e, portanto, não há muitos estudos acumulados a respeito. Para alguns grupos internacionais de pesquisa, especialmente aqueles que possuam tradutores de mandarim, talvez esta pergunta seja exequível. Entretanto, para um pequeno grupo sediado em uma média universidade brasileira, sem tradutores de mandarim e poucas condições de viajar até a China para realizar o levantamento de dados junto a população, certamente a pesquisa é inviável.

Dessa forma, avalie seu tempo disponível para a pesquisa e confronte-o com as exigências que você terá ao longo dos trabalhos de investigação. Seja

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

prático ao analisar os recursos materiais, técnicos e pessoais de que você dispõe pois é mais importante ter uma pesquisa realista que produza respostas válidas no tempo disponível do que pesquisas ambiciosas que precisam ser encerradas sem responder às questões que foram formuladas, as quais, correm o risco de jamais serem concluídas.

Outro aspecto a ser levado em consideração ao medir a exequibilidade da questão é o acesso às tecnologias disponíveis. O uso de um banco de dados, de tecnologias de geoprocessamento ou *softwares* que permitem a construção temporal de redes sociais, podem tornar possíveis pesquisas que no passado exigiam o emprego de uma grande quantidade de tempo no esforço de coleta e organização dos dados. Porém, cada tecnologia exige um esforço para sua assimilação e aproveitamento, portanto, mantenha a atenção para que elas sejam uma vantagem e não um entrave em sua pesquisa.

4.1.1.3 Pertinência


Observe a seguinte pergunta:

Qual o método ideal para a prática religiosa?

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

Uma pergunta pertinente deve evitar algumas formulações que lhe confirmam um caráter moral, preditivo e filosófico. Os fatos devem ser compreendidos através de uma investigação científica e não julgados a partir dos valores morais de cada pesquisador. O enquadramento do enunciado relaciona-se com o campo teórico metodológico de uma ciência, e questões sobre o sentido das coisas do mundo devem ser exploradas na filosofia. Além disso, outros dois aspectos devem ser relevantes na elaboração pertinente de uma pergunta de partida. Ela deve permitir várias respostas possíveis de serem concebidas e não uma certeza prévia, afinal, se você já sabe a resposta para que fazer a pesquisa? Enfim, um enunciado jamais pode se referir a um acontecimento futuro porque uma pesquisa científica tem como pré-condições a observação, a experimentação e a demonstração, e jamais cumprimos qualquer destas condições em um tempo futuro. Lembre-se, portanto, que ciência não é futurologia.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA



É um equívoco subestimar a importância da pergunta de partida. É através dela que se inicia um processo de ruptura com o senso comum e que poderá facilitar seu caminho de pesquisa. Assim, elabore sua pergunta de partida segundo os critérios discutidos acima e teste essa pergunta junto das pessoas que o rodeiam, de modo a assegurar-se de que ela é clara e precisa e, caso não tenha sucesso, tente novamente!

4.2 ETAPA 2

A exploração do campo de pesquisa

Depois de ter construído seu fio condutor através da elaboração da pergunta de partida, é hora de realizar uma aproximação das fontes de informação sobre o assunto a ser explorado a fim de construir uma problemática de pesquisa. Observe que, nesta fase, o pesquisador persiste no esforço de ruptura com o senso comum ao mesmo tempo em que constrói as primeiras bases para a construção do objeto de pesquisa. Dois caminhos complementares são percorri-

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

dos nesse processo. Um deles é o de absorver leituras pertinentes para a construção de um quadro teórico de referência, e o outro constitui-se de uma aproximação concreta com o fato a ser investigado. As leituras e o acesso às fontes (fontes documentais, entrevistas, observações sistemáticas, séries estatísticas) possibilitam uma problematização de qualidade e é o envolvimento progressivo com o objeto de estudo que permite um contato qualificado com esta parcela da realidade. Enfim, é preciso que o pesquisador adote uma postura de exploração do fato a ser investigado a fim de construir as reflexões necessárias.

4.2.1 A exploração por meio das leituras

É muito comum o trabalho de leitura apresentar-se como uma tarefa penosa para muitos, mas é preciso enfrentar o fato de que adquirir capacidade de leitura não é apenas um “dom de Deus”. Isso exige esforço e por mais genial que seja o pesquisador ele jamais escapará à necessidade de ler. Realizar uma investigação científica implica explorar as teorias para ir além da mera aplicação de algumas técnicas e aprimorar a reflexão antes de dar respostas às perguntas que sequer foram elaboradas satisfatoriamente.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

O pequeno cultivo do hábito de leitura e reflexão leva alguns pesquisadores iniciantes a ter a sensação de que sua pergunta de partida é tão genial que não possui precedentes na história da ciência. Assim, cegos pela ignorância, voltam das bibliotecas ou das consultas à *internet* com o discurso de que não conseguiram encontrar nada, ou quase nada, sobre o assunto que buscavam. Além de ser presunçoso, um pesquisador achar que “reinventou a roda”, na alta modernidade é quase impossível que qualquer tema tenha permanecido na escuridão e não tenha sido abordado, pelo menos parcialmente, por alguém na comunidade científica. Uma pesquisa sempre estará inscrita num processo continuado de produção científica, no qual é possível ser situada com um pequeno esforço inicial. Assim, o pesquisador necessita conhecer as investigações precedentes e posicionar seu trabalho em relação a elas, seja distinguindo-a e contestando, ou aproximando-a e confirmando as concepções existentes.

Nesse sentido, por mais simples que sejam suas pretensões de pesquisa, é indispensável conhecer as referências bibliográficas ligadas à sua questão de partida. Entretanto, é importante realizar a abordagem das leituras de forma objetiva e eficaz evitando perder tempo em caminhos equivocados. Isso implica utilizar um método de organização, de realização e de tratamento das leituras.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

4.2.1.1 Critérios para selecionar as leituras

Mesmo tendo elaborado uma pergunta de partida clara, exeqüível e pertinente, a escolha das leituras é uma tarefa que exige atenção já que ler envolve bastante tempo e dedicação, além do que não podemos perder de vista que existem outras etapas da investigação a serem vencidas. Assim, é importante que sejam privilegiados os conhecimentos que interessam diretamente para a pergunta de partida, contudo, cada um deve adaptar os critérios gerais que serão expostos aqui para sua trajetória de pesquisa.

- ▶ Escolha as leituras a partir de sua pergunta de partida que até este momento é o fio condutor do seu trabalho.
- ▶ Selecione alguns artigos de referência e não sobrecarregue seu programa de leitura com calhamços indigestos. É melhor ler de forma crítica e profunda um número menor de páginas do que superficialmente centenas delas, por isso, direcione suas leituras para obras que apresentem reflexões de síntese ou para artigos pertinentes, mesmo que mais reduzidos.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

- ▶ Privilegie textos em que os autores priorizam a análise e a interpretação em detrimento aos textos descritivos que pouco provocam a reflexão.
- ▶ Tome cuidado para escolher textos que apresentem abordagens diversificadas do fenômeno a ser investigado, pois isso o ajudará no confronto de diferentes perspectivas a fim de criar novas reflexões.
- ▶ Distancie-se por um tempo das leituras, algumas horas, e crie oportunidades de reflexão pessoal e troca de pontos de vista com colegas e outros pesquisadores fora do ambiente de trabalho. “Bata um papo” descontraído e informal, tome uma cerveja ou um suco com amigos e irá perceber os ‘*insights*’ que surgirão com os debates descomprometidos com as certezas. Um espírito criativo se desenvolve com bastante trabalho mas também com sociabilidade e prazer!

4.2.1.2 Sugestões para encontrar leituras precisas

Quando já se tem um fio condutor do trabalho de pesquisa, a busca pelas leituras torna-se

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

bem mais fácil. Entretanto, é preciso perceber que a chance de encontrar um único livro que responda exatamente a maioria das expectativas é muito rara. Assim, é importante relaxar e, com calma, dedicar-se à biblioteca, atenuando aquela velha ojeriza pelos livros. Pense que eles são seus aliados mais importantes neste momento! Certamente, há muitos textos que contêm informações de que você precisa muito, mas eles não irão saltar das prateleiras com as páginas abertas na medida certa para você.

Outra importante fonte para encontrar leituras adequadas é a *internet*, através de portais acadêmicos³. Apesar de ser uma ferramenta ágil e eficiente é preciso lembrar que a *internet* não realiza uma auto-filtragem das milhares de possibilidades de leituras. Mais que as bibliotecas, a *internet* exige constante alerta para que não se acumule um grande volume de dados, textos, tabelas, imagens e artigos que, por fim, mais atrapalham que auxiliam no progresso da pesquisa.

Assim, para que o trabalho de procura não seja um verdadeiro calvário, é bom lembrar das instruções propostas por Quivy e Campnhoudt (1992).

³ Um exemplo importante é www.periodicos.capes.gov.br que apresenta outros links relacionados com depositários de importantes fontes de documentos científicos.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

- ▶ Solicite que pessoas já experientes no seu campo de pesquisa lhe recomende as leituras mais adequadas. Entretanto, antes de se dirigir a um pesquisador ou professor, saiba o que perguntar, tenha claro seu fio condutor que, neste momento, ainda é a pergunta de partida. Ao tomar cuidado com a objetividade do encontro com os especialistas, não só estará construindo uma imagem de respeito quanto preservando a possibilidade de novas consultas.
- ▶ Preste atenção aos artigos de revistas, notadamente aquelas especializadas no seu campo de investigação. Os periódicos são veículos dinâmicos que apresentam conhecimento atualizado e interessantes críticas sobre o conhecimento anterior. Os autores apresentam balanços que envolvem, em geral, a análise de importantes cientistas e acabam por trazer ricas referências a serem consideradas. Além disso, há seções de resenhas e comentários bibliográficos que informam as obras recentes relativas ao foco de interesse da revista.
- ▶ Jamais deixe de consultar as referências bibliográficas compiladas no final de qualquer obra ou dos artigos a que você acessou. Isso facilita so-

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

- bre maneira a cobertura de seu campo de pesquisa, pois possibilita verificar os autores que compartilham da mesma linha teórica, assim como os assuntos mais debatidos no momento.
- ▶ Consulte os índices e os sumários dos livros antes de abandonar rapidamente aqueles livros com “espessura assustadora”. Lembre-se de que muitos livros são coletâneas de textos de diferentes assuntos e, nem sempre, é preciso ler o livro integralmente.
 - ▶ Sempre que acessar uma biblioteca, informe-se dos serviços disponíveis e do modo de utilização. Atualmente é possível obter material de qualquer parte do mundo através de sistemas em redes e, além disso, muitas bibliotecas estão equipadas para oferecer facilidades de pesquisas por palavras-chave, tema ou autor, por exemplo.

4.2.1.3 Trabalhando as leituras

Em geral, um iniciante no exercício da pesquisa possui dificuldades em extrair de suas leituras idéias para seu próprio trabalho, o que o faz afirmar que não encontra nada que se relacione com sua pergunta de partida. Em geral, essa é uma sensação

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

normal daqueles que começam a pesquisar, quando ainda não se tem referência suficiente para perceber e articular as idéias presentes nas diversas leituras realizadas. Estabelecer relações é um grande passo na capacidade de leitura e só há um jeito para conseguir isso. Esta capacidade só se adquire com muito trabalho e leitura. Ou seja, só se aprende a ler lendo!

Outro ponto para o qual queremos chamar a atenção é que, para realizar uma pesquisa, não se pode ficar só nas leituras. Mas, sim, temos que aprender a capitalizá-las. Ou seja, fazer anotações pertinentes, resumos adequados, análises proveitosas. É muito comum que o desafio de trabalhar um texto resulte em práticas infrutíferas, como o corte indiscriminado de algumas partes a fim de que eles sejam “encurtados”, o que, conseqüentemente, gera um resumo sem o menor sentido e inútil aos propósitos de um pesquisador.

Assim, a fim de aproveitar o máximo de suas leituras, é importante a apropriação de um método. Quivy e Campnhoudt (1992) sugerem a elaboração combinada de uma grelha de leitura e de um resumo. Se a grelha auxilia na leitura com ordenamento e profundidade, o resumo possibilita a retenção das idéias principais do texto.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

A apreensão da leitura

Utilize o exemplo do quadro que segue e elabore sua grelha de leitura a partir de um texto que você tenha escolhido. Observe que o maior espaço foi reservado para a coluna da esquerda “idéias conteúdo”; o da coluna da direita, “tópicos para a estrutura do resumo”, é bem menor.

Idéias conteúdo	Tópicos para a estrutura do resumo
1-	
2-	
3-	
4-	
5-	
6-	
7-	

Um texto pode ser dividido por seções que podem ser parágrafos ou itens. Seja como for, é um trecho no qual várias frases estão reunidas e apresentam uma idéia coerente. Para cada seção deve-se designar um número e assim sucessivamente, e a idéia principal da seção deve ser escrita na coluna da esquerda (idéias conteúdo).

Depois de findado o trabalho de organização

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

das idéias na coluna da esquerda é preciso que sejam relidas para que você consiga apreender as articulações e a estrutura do pensamento do autor como as idéias mestras, as etapas do raciocínio e a complementaridade entre as partes. São as articulações que devem aparecer na coluna da direita (tópicos para a leitura do resumo). Mesmo que encontre dificuldades nesse momento, não desista, pois só com exercício poderá melhorar sua aptidão para a apreensão da leitura.

Elaborando um resumo

Na fase exploratória de sua pesquisa, a primeira leva de leituras tem como objetivo compreender e destacar as idéias principais dos autores e suas articulações. Dessa forma, o resumo acompanhado da grelha de leitura é um método muito eficiente. Mas só é possível elaborar um bom resumo depois de uma boa leitura. Então, se você pretende queimar a etapa de realizar uma leitura adequada, considere impossível a tarefa de redigir um resumo de boa qualidade! Assim, apenas depois de ter desenvolvido sua leitura a partir da grelha de leitura realize os seguintes passos:

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

- ▶ Leia o conteúdo da coluna das “idéias conteúdo” e observe que, embora ordenadas, as idéias necessitam uma articulação e de um filtro que garanta a visibilidade das idéias mais importantes do autor;
- ▶ Considere igualmente o conteúdo da coluna da direita na qual estão as informações relativas à importância e à articulação das idéias, se são centrais, secundárias e podemos ordená-las graças ao conteúdo da coluna da esquerda, onde são retomadas de forma condensada;
- ▶ Estructure as idéias de modo a reconstituir a unidade do pensamento do autor e a coerência do seu raciocínio;
- ▶ Redija o resumo de forma suficientemente clara para que ele possa ser fiel ao texto original e garantir a transmissão da idéia global do autor.

Quando se aborda uma leitura de forma ativa como esta, o resultado é que as idéias dos autores se inscrevem em seu espírito. O exercício, além de melhorar sua capacidade intelectual, permite que você estabeleça com mais facilidade as comparações necessárias para a elaboração de seu raciocínio científico. Embora o método de leitura aqui apresentado seja rigoroso, é possível realizar adaptações às

CONSTRUINDO A CIÊNCIA


especificidades de cada pesquisador e seu projeto. Entretanto, lembre-se de que ler mal milhares de páginas não lhe servirá para absolutamente nada, e, ao contrário, uma boa leitura metódica pode levá-lo a progredir na sua trajetória de pesquisa. Nem sempre a quantidade de referências citadas num texto é diretamente proporcional à qualidade da discussão empreendida pelo autor.

Comparando ideias nos textos

Para que o seu empenho resulte em avanços é preciso que as leituras realizadas apontem elementos de reflexão e pistas para a construção de sua investigação.

- ▶ Confronte os textos e destaque os posicionamentos dos autores na abordagem do fenômeno.
- ▶ Ordene os posicionamentos encontrados de forma a destacar as convergências, as divergências e as complementaridades.
- ▶ Para destacar as pistas para o avanço de sua investigação reflita sobre a identidade das leituras, a sua pergunta de partida e as pistas que as leituras sugeriram.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa



Ao fim deste exercício você estará apto para escolher com mais precisão sua próxima leva de leituras, optando por aprofundar algum ponto de vista ou até mesmo abordar um ângulo ainda não explorado de sua investigação. Entretanto, é bom que nesse momento você **interrompa provisoriamente a leitura dos textos e procure exercitar reflexões e discussões sobre o tema!** Depois de um tempo estará com as energias renovadas e pronto para progredir em direção ao objetivo que persegue!

4.2.2 A exploração através das entrevistas

Depois de realizado um balanço dos conhecimentos relacionados à pergunta de partida através das leituras, é o momento de descobrir aspectos complementares já que a fase exploratória da pesquisa implica várias ações que se enriquecem mutuamente. As entrevistas com algumas pessoas relevantes à especificidade do campo explorado neste momento têm como objetivo iluminar alguns aspectos do fe-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

nômeno estudado que ainda não foram pensados pelo pesquisador. Nesse sentido, é importante que as entrevistas exploratórias sejam abertas e flexíveis e atentem para as seguintes observações:

- ▶ Evite colocar perguntas demasiado numerosas e detalhadas que se assemelham a um inquérito ou interrogatório. Um bom começo é fazer uso de entrevistas pouco diretas. Lembre-se de que seu objetivo deve ser ouvir muito mais do que perguntar. Não é momento de comprovação de hipóteses, é momento de encontrar os subsídios necessários para qualificar sua pergunta de partida. Afinal você ainda está no início dos trabalhos!
- ▶ Desarme-se de suas certezas, relaxe seu espírito a fim de descobrir novas maneiras de colocar a problemática. Ouça atentamente as opiniões e relatos pois é nessa rica relação de muitas trocas e descobertas que o investigador cria e renova suas idéias.
- ▶ Lembre-se de que, no contato direto com o campo de pesquisa, você é um investigador! Não caia na armadilha de convencer a si mesmo de que aquelas idéias pré-concebidas estão confirmadas e

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

você realmente é um gênio que só precisa da pesquisa para legitimar aquilo que você já sabia. Esse caminho leva-o, inevitavelmente, ao fracasso!

4.2.2.1 Os interlocutores importantes para a pesquisa

- ▶ **Os docentes, investigadores especializados e peritos** no domínio da investigação exigido pela pergunta de partida são pessoas bastante úteis na fase exploratória. Estas pessoas certamente já auxiliaram na orientação de suas leituras e agora também podem apoiar o conhecimento do fenômeno através do relato de suas próprias pesquisas, dos seus procedimentos metodológicos, das surpresas e problemas que, inevitavelmente, já enfrentaram. Lembre-se que é muito importante que sua pergunta de partida esteja clara para que a pessoa entrevistada possa efetivamente ajudar na condução do seu trabalho.
- ▶ **As testemunhas privilegiadas** são também pessoas que podem auxiliar na fase de exploração da pesquisa. Normalmente são pessoas que, pela sua posição, pela sua ação ou pelas suas responsabilidades, têm um bom conhecimento do

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

problema. Em geral, são pessoas cuja atividade profissional ou atuação política está diretamente relacionada ao fenômeno estudado.

- ▶ **O público a que o estudo diretamente diz respeito** constitui um útil interlocutor e, neste caso, é sempre importante prestar atenção na diversidade de idéias e posições existentes em determinados grupos menos falantes e mais reservados, que, em geral, podem indicar pistas importantes para a pesquisa.



Aguce seu espírito crítico durante as entrevistas pois o entrevistado, ao se relacionar com você, possui seus próprios interesses na criação de uma 'versão' para o fenômeno estudado, e estas subjetividades escondem armadilhas, devido à ilusão de transparência. A verdade expressa na entrevista deve, sempre, ser considerada válida para o entrevistado, entretanto o pesquisador necessita confrontá-la com muitas variáveis, para só então assumi-la em seu relatório.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

4.2.2.2 As características das entrevistas exploratórias

Embora pouco diretiva uma entrevista exploratória deve cumprir seus objetivos e, nesse caso, trata-se de conduzir o interlocutor a abordar os temas de que o pesquisador necessita. Mesmo tendo a consciência de que não existe uma receita prática para que uma pessoa consiga fazer a outra expressar da melhor maneira possível seus pensamentos, é importante que a entrevista siga pelos menos alguns passos que podem facilitar o processo de entrevista:


- ▶ Realize o menor número de perguntas possível, pois o excesso de perguntas impede a liberdade do interlocutor de comunicar sua experiência. Faça uma pequena exposição do que o levou a entrevistá-lo, o que pretende obter e garanta um tom aberto para a conversa;
- ▶ Intervenha de forma sutil quando for preciso reconduzir a conversa para os objetivos da pesquisa e também quando precisar que o entrevistado aprofunde um aspecto importante citado;

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

- ▶ Formule suas intervenções sempre de forma aberta para que o entrevistado receba a menor influência possível e possa expressar-se a partir de sua própria realidade, linguagem, enfim, seus próprios quadros de referência. Nunca realize intervenções incisivas porque isso reflete na qualidade dos depoimentos e interfere na conduta do entrevistado. Nestes casos, é comum que o entrevistado procure corresponder às idéias do entrevistador e, quando isso acontece, o pesquisador acaba por desenvolver uma atividade infrutífera, já que seu entrevistado reproduzirá suas expectativas e não trará novos elementos de análise do fenômeno;
- ▶ Abstenha-se de interferir no conteúdo da entrevista, evite expressões faciais de concordância ou discordância, não debata o tema ou afirme posições em relação aos argumentos usados pela pessoa entrevistada;
- ▶ Escolha com cuidado o contexto no qual ocorrerá a entrevista. Isso envolve uma análise do tempo, do local e da presença de outras pessoas durante a conversa. O contexto influencia muito na qualidade das informações e reflexões do entrevistado;

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

- ▶ Grave as entrevistas para que você e seu interlocutor possam se concentrar o máximo possível no tema abordado, mas não esqueça que é preciso que o entrevistado concorde com a gravação. Anote apenas o indispensável, e o faça, por exemplo, para descrever a postura do entrevistado, suas expressões, fatores relevantes do ambiente ou outras variáveis que sejam fundamentais para compreender o contexto da entrevista posteriormente.

 Mesmo seguindo as regras gerais colocadas, o sucesso da entrevista depende da dinâmica de interação entre o entrevistador e o entrevistado, e é sempre o primeiro quem deve ajustar seu comportamento ao segundo com flexibilidade e pertinência, pois cada entrevista é um momento único, impossível de ser reproduzido em sua totalidade .

4.2.2.3 A utilização das entrevistas exploratórias

As entrevistas nesta fase investigativa têm como objetivo instigar a reflexão e construir os caminhos da elaboração da problemática de pesquisa. O discurso não tem como objetivo ser uma fonte precisa de informação, mas pode apresentar aspectos do problema que ainda não haviam sido pensados. É importante lembrar que a entrevista é em si um processo que envolve o entrevistador, o entrevistado e o problema a ele colocado. Durante o desenvolvimento do discurso são acionadas as vivências, sentimentos e valores que também estão em constantes mudanças na vida do entrevistado.

Quando o interlocutor é solicitado a discorrer sobre algum aspecto da realidade que interessa ao entrevistador, aquele recorre à memória que se constitui de elementos singulares e sociais. Portanto, o discurso emitido pelo entrevistado reflete a simultaneidade das dimensões social e individual e, mais que isso, uma versão sempre provisória, à medida que o ato de lembrar do passado envolve o tempo presente e sempre é possível que novos elementos influenciem as versões sobre os fatos passados, conforme afirma Bosi (1998). Nesse sentido,

o resultado de uma entrevista é o resultado de uma complexa elaboração do pensamento que deve ser utilizada para ultrapassar nossas próprias interpretações do fenômeno estudado.

Não se preocupe neste momento em utilizar o discurso da entrevista a partir de técnicas de análise de conteúdo sofisticadas. Procure escutar várias vezes a entrevista e tome nota das idéias que surgirem. Discuta seu trabalho com seus colegas, conte-lhes as suas experiências e peça-lhes que discutam as suas idéias. Jamais se envergonhe de estar aprendendo, pois só cresce quem se expõe.

4.2.3 A exploração através da observação e da consulta aos documentos

Além das leituras e das entrevistas, a fase exploratória se compõe também por vários outros métodos complementares como as observações e as consultas aos documentos.

Tenha um **diário de campo** no qual as suas impressões e idéias sejam anotadas e não se percam ao longo de sua trajetória. Muitas vezes, as anotações mais simples, relacionadas com outras, reve-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

lam aspectos inusitados e promovem as conclusões mais interessantes.

Nas pesquisas sociais, a observação (participante ou externa) é uma abordagem comum. A interação com o grupo que está sendo observado, na maioria das vezes, é inevitável. Nesse caso, é bom conduzir seu comportamento com discrição e lembrar que sua presença sempre estará modificando a dinâmica das relações do grupo, e esta variável, a sua presença, deve ser considerada permanentemente. Manter-se na postura investigativa, primando pela serenidade e o respeito é o melhor caminho para tirar proveito deste envolvimento na sua pesquisa. Lembre-se de que durante o processo de observação a revelação de novos fatos não é o mais importante, mas sim a compreensão das relações que dão inteligibilidade aos fatos já conhecidos.

Um campo muito delicado é a exploração inicial de documentos, especialmente os mais antigos. Tanto quanto a busca exploratória via *internet* pode nos “atolar” em milhares de arquivos, também a busca de documentos pode acarretar uma montanha de papéis que, em curto espaço de tempo, terão que ser dispensados para a que pesquisa siga o seu curso. Seja seletivo e somente solicite um exemplar ou faça cópia em caso de relação direta com o objeto

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

em construção, caso contrário anote as referências, os contatos, a forma de obtenção e volte posteriormente quando sua segurança em relação à necessidade do material estiver melhor definida.

Atenção especial deve ser dedicada aos documentos mais antigos pois, em geral, são os mais apaixonantes e exigem mais esforço para serem obtidos e preservados. Assim, a tendência será tentar encaixá-los na pesquisa mesmo que não respondam diretamente às nossas necessidades.

De toda a forma, embora preciosas, nenhuma abordagem exploratória deve ser analisada de forma rígida e muito detalhada durante esta fase de pesquisa. Lembre-se: na fase exploratória você deve proceder como alguém que procura e se mantém alerta para assimilar todas as pistas que o levem à definição de sua problemática. Entretanto, tal postura exige atenção para não se perder com indicações em todos os sentidos e tampouco se fechar em indicações em apenas uma direção. O mais importante é estar aberto para ouvir seletivamente e nunca se contentar com uma só mensagem, procurar discernir as dimensões de sua problemática e como abordá-la.

Hora de rever

Agora é hora de rever sua pergunta de partida à luz das reflexões surgidas na fase exploratória da pesquisa. Depois da fase exploratória, a sua pergunta de partida ainda reflete sua intenção de investigação? Justifique a sua resposta. Se a resposta for negativa, o que é absolutamente normal, não esqueça que o processo de pesquisa é dialético e multi-variado. Não desista, formule nova pergunta a partir dos critérios já discutidos e siga em frente. Aparentemente ter que reformular a pergunta de partida parece algo negativo mas, ao contrário disso, acredite, faz parte de um treino para se tornar um investigador sério e competente.

4.3 ETAPA 3 A problemática

4.3.1 O que é uma problemática

A problemática consiste em identificar e descrever a abordagem teórica do problema colocado pela

pergunta de partida. Em geral, a elaboração da abordagem teórica se faz em três momentos:

- Exploração das leituras e das entrevistas e análise das diferentes abordagens construídas sobre o problema e das possíveis ligações ou divergências existentes;
- Posicionamento do seu trabalho neste quadro de referências através da escolha da orientação mais pertinente;
- Explicitação do quadro conceitual que caracteriza a sua problemática.

4.3.2 Elaborando uma problemática

Corrêa (1997) argumenta que a abordagem teórica deve sempre estar associada a um conjunto de perguntas que devem estar claramente respondidas durante a elaboração de uma problemática: **O quê? Onde? Quando? Por quê?**

Ao responder as perguntas em relação ao objeto de pesquisa estamos pouco a pouco construindo o objeto, recortando-o da realidade. Um objeto de pesquisa nunca é a realidade em si mas uma criação mental do pesquisador que se faz na relação com campos científicos de saber.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

A primeira pergunta necessita precisar **o que** exatamente estou pesquisando. Na resposta à segunda pergunta – **onde** – significa ter claro qual é o recorte espacial mais adequado para compreender o fenômeno que estou buscando compreender. A resposta à terceira pergunta – **quando** – implica o período de tempo relevante para a inteligibilidade do fato considerado, ou seja, este é o recorte temporal da pesquisa. Lembre-se do critério da pertinência utilizado para elaboração de sua pergunta de partida, o qual sugere jamais propor questões sobre algo que ainda não existe. Assim, o recorte temporal deve estar também vinculado à esta idéia.

Respondidos *O quê? Onde? Quando?* obtemos clareza em aspectos fundamentais, porém falta-nos o mais importante para convenceremos nossos interlocutores da importância de nosso trabalho, pois sem que respondamos **por quê?** dificilmente nossa pesquisa terá sua relevância reconhecida. A construção do objeto a partir destes recortes não se dá de forma aleatória, embora seja sempre arbitrária, pois é o investigador quem os define. Nesse sentido, Corrêa (1997) sugere que é necessário cada recorte – temático, espacial e temporal – ser plenamente justificado e sustentado. Os argumentos que sustentam os recortes fazem parte da reflexão que torna o fenô-

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

meno visível, e não são simplesmente apoiados no desejo do investigador.

Ao argumentar sobre as justificativas dos recortes espaciais e temporais, você deve refletir sobre a escolha das escalas de análise do fenômeno a ser investigado. Apenas citar as localidades e períodos de tempo para cumprir a norma metodológica dos recortes, espacial e temporal, não é o suficiente. É preciso confrontar a pergunta estabelecida com as opções escalares de maneira a possibilitar a melhor inteligibilidade possível do fenômeno. É importante que cada investigador faça seu balanço, já que não existe à priori escalas mais importante do que outras. Tudo depende da pergunta que você faz à realidade.

O recorte espacial é fundamental e deve ser realizado com muito cuidado já que envolve profundas discussões epistemológicas e metodológicas. Castro (1995, p. 120) alerta que “a análise geográfica dos fenômenos requer objetivar os espaços na escala em que eles são percebidos. Este pode ser um enunciado ou um ponto de partida para considerar, de modo explícito ou subsumido, que o fenômeno observado, articulado a uma determinada escala, ganha um sentido particular”. Esse sentido particular é fruto da pergunta que você tem como fio condutor.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

O recorte temporal envolve também uma dimensão escalar. Pode-se optar pela análise de fenômenos de longa duração que exigem uma observação mais longa do fenômeno para se captar algumas mudanças, ou por recortes temporais menores que possibilitam a exploração da diversidade de relações e significados de um determinado fenômeno naquele momento. Também o recorte temporal não é definido pela realidade em si, mas pela pergunta e pelo aspecto que a problemática quer revelar numa situação específica de pesquisa.

Outra perspectiva relacionada ao “*por que*” é a justificativa da própria pesquisa junto à comunidade científica e à sociedade. Um pesquisador concebe uma realidade a partir de um determinado ponto de vista. No plano prático temos evidências de que o objeto constitui-se em um problema econômico, social, político, ambiental, etc. Corrêa (1997) aponta alguns caminhos para a elaboração de argumentos que sustentam a proposição de investigações. Argumenta ele que no campo da academia é possível que

- ▶ não haja ainda teoria produzida sobre o objeto de pesquisa e, sendo assim, uma investigação sobre um objeto recente é um argumento convincente;

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

- ▶ é necessário que haja uma atualização da teoria que aborda determinado objeto pois as explicações já produzidas perderam sua capacidade explicativa;
- ▶ existem duas ou mais teorias conflitantes sobre o objeto, e sua exploração contribui para reflexão em torno de sua validade.


O momento da definição de sua problemática de pesquisa, segundo Quivy e Campnhoudt (1992), refere-se à inscrição de sua investigação num quadro teórico pré-existente, ou, ainda, a criação de uma nova concepção. Se você é um investigador principiante é prudente que se conforme com um quadro teórico existente e deixe para os pesquisadores experientes proceder a superação e a transcendência das problemáticas precedentes. A escolha de uma concepção é resultado de uma reflexão que envolve as convergências que ocorreram entre o quadro teórico, a pergunta de partida e os elementos colhidos na fase exploratória.

É importante ressaltar que, novamente, é necessário voltar-se para a pergunta de partida e, dando-lhe sentido mais específico com base na construção da problemática, torná-la uma **questão central**.

A explicitação de uma problemática se dá com

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

a exposição dos conceitos fundamentais que sustentam as proposições elaboradas a partir da pergunta de partida. Este momento fornece o plano teórico sobre o qual se constrói o modelo de análise, ou seja, a problemática é o alicerce da sua investigação.



Lembre-se das seguintes operações:

- Estabeleça distinções das diversas abordagens do problema trazidas pelas suas leituras;
- Construa os recortes do objeto de pesquisa e suas justificativas;
- Estabeleça as convergências e divergências que aparecem entre os quadros teóricos e as informações obtidas na fase exploratória no campo de pesquisa;
- Inscreva sua investigação em uma abordagem que lhe permita conhecer com propriedade o que investiga;
- Deixe clara a estrutura conceitual de sua problemática.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

4.4 ETAPA 4 O modelo de análise

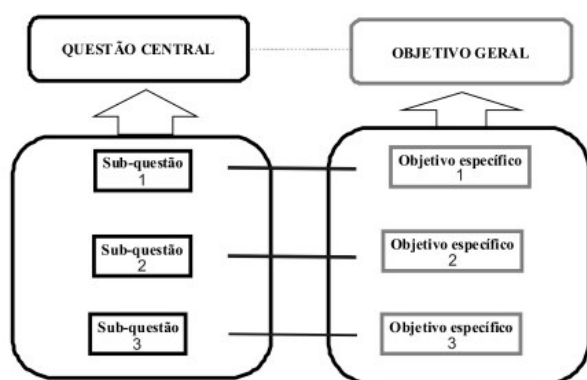
4.4.1 A questão central / os objetivos

Esta fase da elaboração da investigação consiste em tornar a problemática de pesquisa operacionalizável e orientar, posteriormente, o trabalho de observação e análise. Aqui o modelo é expresso pela dissecação da questão central em várias sub-questões e no dimensionamento dos conceitos a serem colocados em prática.

Depois da sólida elaboração da problemática, é preciso retomar a **questão central** (pergunta de partida já transformada) e fracioná-la em três ou quatro sub-questões. Assim, sistematizamos o caminho a ser percorrido através de algumas interrogantes que não são novas questões, mas a sub-divisão da questão central. Há casos em que o pesquisador prefere formular este caminho pelos objetivos a serem atingidos. Então, é só obter o objetivo geral da questão central e desdobrá-lo em objetivos específicos, lembrando que são interdependentes. Ao cumprir os objetivos específicos estará cumprindo

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

simultaneamente o geral. Lembre-se de que a questão central (ou objetivo geral) deve explicitar o campo da ciência em que se inscreve a investigação.



4.4.2 A base conceitual

Construir a base conceitual da pesquisa é muito mais do que formular uma retórica repleta de frases pomposas ou cumprir uma mera formalidade. O pesquisador necessita realizar uma operação complexa que envolve a dialética entre a teoria e a expe-

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

riência. Isso quer dizer que, da relação estabelecida, resulta transformações em ambos os elementos. Bachelard (1985, p. 121) lembra que "os conceitos e os métodos, tudo é função do domínio da experiência; todo pensamento científico deve mudar ante a uma experiência nova".

Quando você explicita e fundamenta sua base conceitual na problemática, significa que está construindo uma forma abstrata de explicar uma dada realidade. Você não está tratando da realidade em si. Então, para utilizar as palavras de Bourdieu (2004, p. 48), "por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada".

Enquanto pesquisador, fique atento para não cair nas armadilhas das repetições de conceitos já consagrados por autores famosos que dão a falsa impressão de tudo explicar. Um conceito não é bom ou ruim em si, apenas mais ou menos adequado na condução da pergunta formulada à realidade frente à uma problemática teórica. Assim, se um conceito é uma ferramenta explicativa da realidade, é preciso que possamos confrontá-lo com o real

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

e, para isso, é preciso que os conceitos sejam de um lado, operacionalizáveis e, de outro, sistemáticos, propiciando a possibilidade de generalização assim como nos alerta Bourdieu (2004).

Entretanto, o investigador não pode perder de vista a relação dialética entre as características operacional e sistêmica. Se a construção do conceito privilegiar apenas sua função operacional, o pesquisador se limita a uma apreensão resultante de uma pré-noção do referencial empírico, o que poderíamos chamar de uma mera descrição. Por outro lado, se o conceito for construído apenas com base na função sistêmica, a pesquisa não permitirá o confronto com a realidade.

Diante disso, você deve tomar alguns cuidados para construir sua base conceitual. Primeiramente, lembre-se de que é necessário definir os elementos constitutivos do conceito, como as dimensões e os indicadores, os quais são plenamente observáveis e mensuráveis. Além disso, a construção do **conceito operacionalizável** está sempre em função de um conceito já construído mas, agora, confrontado com uma nova pergunta. Vejamos o exemplo ilustrativo que se segue.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

4.4.3 Uma ilustração

O conceito de “verticalização” é uma construção de vários pesquisadores da dinâmica das cidades brasileiras na medida em que o espaço urbano, notadamente o metropolitano, passou a se caracterizar por construções altas. Assim, as primeiras tentativas de conceitualização foram realizadas visando as grandes cidades. A verticalização de São Paulo é definida por Souza (1994) como uma estratégia das múltiplas formas de capital que criam o espaço urbano. Ferreira (1987) atrela sua definição à multiplicação do solo possível pelo elevador, e Carlos (1986) considera a verticalização como uma maneira de reprodução do espaço urbano pela construção dos edifícios. O estudo da verticalização de Natal, realizado por Costa (2000), também a considera como possibilidade de multiplicação do solo urbano e elemento de uma revalorização do espaço. Essas definições construídas a partir da organização do espaço das grandes cidades apresentam pontos de convergência: a verticalização é um processo característico dos tempos modernos, ela é viabilizada pelo progresso técnico, é constituída por múltiplas formas de capitais e representa uma forma de reprodução do solo urbano. Baseados nessas definições, os autores construíram seus indicado-

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

res de alturas dos edifícios para o estabelecimento da qualificação da verticalização nessas cidades. Em São Paulo, os autores adotaram como expressão da verticalização os edifícios que tinham elevadores. Em Natal, Costa (2000, p. 152) considerou *"Toda e qualquer edificação com quatro pavimentos ou mais, dotada de elevador, considerando os mais diversos tipos de uso"*.

A questão que se coloca é: o conceito de verticalização já produzido é precisamente explicativo da dinâmica de crescimento dos edifícios em outros contextos espaciais e/ou temporais?

Vejamos alguns autores que utilizam-se do conceito de verticalização produzido por indicadores metropolitanos para explicar outras realidades. Spó-sito (1991, p. 55), ao estudar as cidades do estado de São Paulo, Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, considera que a verticalização é *"uma forma peculiar de expansão territorial urbana, pois através dela uma fração diminuta do território da cidade, via incorporação - construção de uma edificação de vários pavimentos - multiplica-se, desdobrando-se tantas vezes, quantas forem os números de pavimentos"*.

Ramires (1998, p. 9), analisando a verticalização em Uberlândia (MG), argumenta que ela *"pode ser apontada como um exemplo de materialização das transformações técnicas que atingem a cidade contemporânea*

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

de forma contundente. Tal fato não deve ser considerado como uma consequência natural da urbanização, mas uma das possíveis opções traçadas e definidas pelos diferentes atores sociais e interesses econômicos que envolvem a estruturação interna das cidades".

Ao estudar o processo de verticalização de Maringá (PR), Mendes (1992, p. 32) cria a seguinte definição: a verticalização é um *"processo intensivo de reprodução do solo urbano, oriundo de sua produção e apropriação de diferentes formas de capital, principalmente consubstanciado na forma de habitação como é o caso do Brasil. Além da associação junto às inovações tecnológicas que interferem no processo, alterando a paisagem urbana"*.

Como pode ser observado nas citações apresentadas, as análises da verticalização das cidades médias brasileiras, foram sustentadas pelos conceitos construídos a partir dos indicadores das grandes cidades. Entretanto, é fundamental que o pesquisador não adote 'a priori' os conceitos que serviram para explicar outras realidades sem antes realizar uma mediação com o contexto que originou sua pergunta de partida. Enfim, é necessário que o pesquisador se pergunte:

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

O recorte temporal e espacial que objetiva a minha pergunta específica apresenta novos elementos a serem incorporados na teoria já testada e ratificada por outras realidades anteriormente estudadas?

Embora a construção do modelo de análise deva considerar os conceitos já estabelecidos no seu campo de análise científica a partir de seus respectivos indicadores, é necessário mediar o conceito geral com a realidade especificada temporal e espacialmente e com a questão central elaborada pelo pesquisador. O desafio de contemplar o geral e o particular, a fim de construir conceitos que sirvam de ferramenta de análise do real é um esforço permanente do pesquisador na elaboração do saber científico.

No caso específico que estamos exemplificando são muitas as questões que emergem da dificuldade da construção de indicadores em diferentes contextos espaciais para a qualificação da verticalização. Qual é a referência de altura dos edifícios que são atributos da verticalização? Basta considerar os edifícios com elevadores? Como construir um indicador de “intensidade” de reprodução do solo urbano através da construção de edifícios para caracterizar o processo de verticalização? Quais as variáveis que

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

podem ser contempladas para definir o indicador de intensidade? As múltiplas formas de capital, principalmente o financeiro, são expressivas em todos os processos de verticalização, diante da extrema diversidade econômica brasileira e da concentração de recursos financeiros nas grandes cidades?

São inúmeras as questões que podem ser consideradas no momento da construção da base conceitual de uma pesquisa. Cada investigador privilegia um aspecto da realidade que se torna mais adequado na solução de sua problemática. Por exemplo, os conceitos de verticalização apresentados anteriormente foram adequados para análise do crescimento das edificações e re-estruturação do capital imobiliário nas cidades de grande porte num determinado período da história da urbanização brasileira. O mesmo conceito (construído a partir dos mesmos indicadores) pode tornar-se inadequado ou apresentar sérios problemas de operacionalização ao pretender dar inteligibilidade aos significados atribuídos aos ‘arranha-céus’ construídos em Nova Iorque no final do século XIX e início do século XX ou para compreender o impacto dos primeiros edifícios na paisagem urbana das pequenas cidades no presente.

Ao estudar a verticalização de Guarapuava, uma cidade média do interior do Paraná, Silva

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

(2002) destaca a dificuldade de operacionalizar o conceito de verticalização construído a partir dos patamares de altura e intensidades verificadas e compatíveis com o contexto das grandes cidades no presente. Para superar os limites teóricos existentes, Silva (2002) reconstrói o conceito, criando novos indicadores, para expressar a verticalização do espaço urbano em questão. Além de contemplar os indicadores já utilizados como a multiplicação do aproveitamento da área do lote, a relação entre a valorização fundiária e imobiliária, a legislação urbana de uso e ocupação do solo, utiliza também indicadores construídos com base na dinâmica própria da região de estudo. Explorando os jornais locais, a pesquisadora observou que as edificações compostas de três ou mais pavimentos já eram significadas pela palavra “verticalização” naquele contexto espacial e temporal.

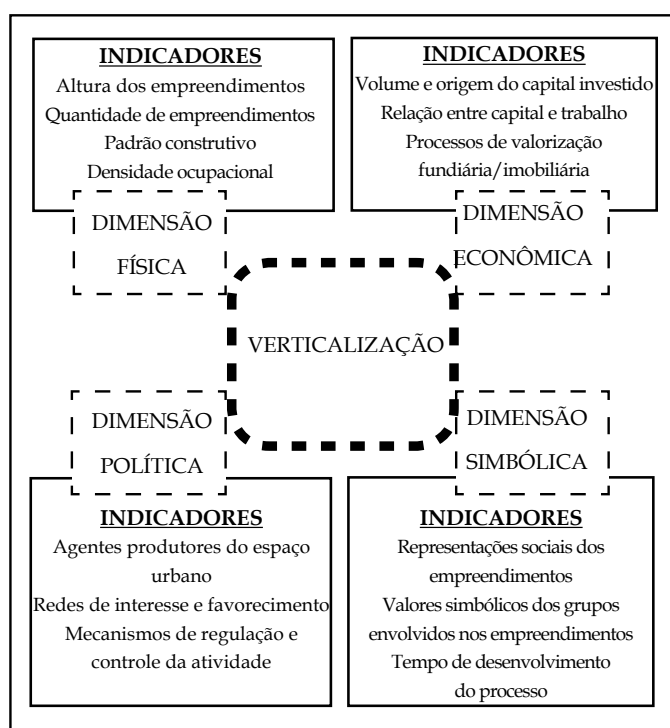
Assim, diferentemente de outros autores que utilizaram indicadores de qualificação da verticalização os edifícios com patamares de altura mais elevados, a autora insiste na idéia de considerar os baixos edifícios como expressão do processo de verticalização em Guarapuava, argumentando que essas edificações, embora de pequenas dimensões

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

se comparadas com aquelas das grandes cidades, foram construídas com técnicas modernas, são fruto do avanço do capitalismo e da instituição da imagem de cidade “moderna” e “desenvolvida” através do jogo do poder simbólico.

No caso citado o conceito já produzido por outros autores foi mediado pelo referencial empírico e é apenas desta maneira que o conceito pode se constituir numa ferramenta explicativa daquela realidade específica. Assim, a autora sintetiza que *a verticalização expressa uma forma particular de expansão territorial urbana, fruto dos tempos modernos e do progresso técnico e, além do mais, é apropriada e significada a partir de relações de poder em diferentes sociedades em tempos e espaços específicos.*

Veja a composição do conceito de verticalização através da organização do pensamento em dimensões e indicadores na figura que segue.



4.5 ETAPA 5 A construção da operacionalização da pesquisa

Todas as fases de uma investigação são co-relacionadas e a operacionalização da investigação influencia nos recortes possíveis do objeto de pesquisa. Para construir a operacionalização da pesquisa é preciso elaborar uma boa resposta à pergunta *como vou responder a questão central?* Basicamente, é preciso separar cada sub-questão elaborada a partir da questão central e estabelecer para cada uma delas estratégias que possibilitem a análise dos indicadores componentes dos conceitos que sustentam a problemática de pesquisa:

- ▶ Os dados necessários para demonstrar as minhas respostas às questões elaboradas. Podem ser estatísticos, discursivos, documentos, reportagens etc.
- ▶ As fontes que contêm as informações de que necessito: podem ser fontes primárias ou secundárias, são instituições, pessoas, arquivos públicos, bibliotecas, museus, censos, material cartográfico, material jornalístico etc.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

- ▶ Os procedimentos de acesso às fontes estão condicionados pela validação científica da pesquisa e, portanto, devem ser passíveis de repetição, como método, por outro pesquisador que resolva testá-los. Portanto, cuidado com “fontes privilegiadas” ou “procedimentos mágicos”.
- ▶ Os procedimentos de tratamento e análise dos dados estão diretamente relacionados com a definição do problema, dos objetivos da escala de atuação e de recursos disponíveis. Os procedimentos que serão utilizados para o tratamento e análise das informações retiradas das fontes estão igualmente sujeitos à validação científica e, portanto, deverão ser descritos e devem estar sujeitos à prova.
- ▶ A escala de abordagem do problema exige pensar a fonte e os dados que se têm disponíveis. Abordar um problema na escala do Brasil se diferencia de outro na escala de um bairro por exemplo.

É importante destacar que existem mil e uma técnicas para a operacionalização da pesquisa e que seria impossível esgotá-las. Mesmo porque um procedimento como este resultaria em um trabalho

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

infrutífero já que as técnicas nunca podem ser criadas a priori, mas dependem da problemática, da questão central e dos conceitos que norteiam a investigação. Não será difícil o investigador se deparar com vários manuais de técnicas de pesquisa que lhe possibilitem construir a sua de forma reflexiva e crítica.

4.6 ETAPA 6 A apresentação do projeto de pesquisa

A elaboração de um projeto de pesquisa, seja qual for sua complexidade, deve preocupar-se em ser um guia a ser recorrido a cada momento de dificuldade no processo de investigação. É importante lembrar que um projeto de pesquisa não é uma formalidade a ser cumprida, mas a condensação de uma trajetória a ser desenvolvida detalhadamente. Um projeto medíocre para cumprir uma formalidade resulta em uma pesquisa igualmente medíocre e em um pesquisador estressado e frustrado. Um projeto bem elaborado será seu companheiro durante toda a trajetória de investigação a ser cumprida. Portanto,

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

após toda a construção do conhecimento acerca de seu objeto de pesquisa alcançado até agora, está na hora de saber como apresentá-la de forma mais clara e objetiva possível.

Um projeto de pesquisa é uma sistematização do pensar acerca do seu objeto e dos passos que deverão ser dados para a solução do problema estabelecido. Não existe uma regra rígida de apresentação desses passos e cada pesquisador, ao longo do tempo, vai adequando-os de acordo com seu interesse. Contudo, existem três pontos cruciais que não podem faltar em nenhum projeto de pesquisa - a problemática, os questionamentos e a operacionalização - que constituem a estrutura básica e devem estar articulados entre si. É importante dizer que muitas vezes as instituições de pesquisa ou professores exigem que as idéias estejam adequadas a alguma estrutura pré-estabelecida, mas esta não é uma obrigatoriedade, apenas a adoção de um padrão de apresentação.

Nesse sentido, apresentamos uma sugestão de estrutura de projeto de pesquisa.

1. Título
2. Introdução
3. Problemática
4. Questionamentos ou objetivos
5. Operacionalização

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

6. Cronograma

7. Referências Bibliográficas

Discutiremos agora como se apresenta cada uma das partes que compõem a apresentação de seu projeto de pesquisa.

1. **Título:** é um componente fundamental, pois através dele você irá divulgar o conteúdo de seu trabalho e, portanto, é necessário que o título lhe seja fiel e reflita o tema desenvolvido. Em geral, se você tiver uma boa pergunta de partida, ela inspirará o seu título com facilidade. É essencial que ele responda às seguintes questões: *o quê? onde? quando?*, neste sentido, devem ser evitados os títulos fantasia.
2. **Introdução:** é um componente opcional num projeto de pesquisa. Em geral, ela é usada com o objetivo de apresentar o objeto de pesquisa, localizando-o, descrevendo-o, apresentando processos históricos, sem propriamente problematizá-lo.
3. **Problemática:** já foi amplamente discutida. Nesse item, você pode incluir a **justificativa**, que se refere à relevância de seu trabalho, e o marco teórico, pois aqui estará explícita a teoria e os conceitos a serem utilizados na pesquisa.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

4. **Questionamentos ou objetivos:** podemos lançar mão de duas maneiras de conceber os caminhos para solver a problemática. De qualquer forma, seja qual for sua escolha, tanto os objetivos ou os questionamentos devem estar solidamente associados à problemática que elegemos. As questões ou objetivos devem ser, assim, justificados, recorrendo à teoria ou a evidências empíricas.
5. **A operacionalização:** é um item obrigatório e deve estar essencialmente vinculada à questão *como*. Isto é, de que forma iremos efetivamente responder às questões que formulamos ou objetivos que traçamos.
6. **Cronograma:** é obrigatório e serve para demonstrar o tempo de execução da pesquisa, bem como a distribuição desse tempo em cada etapa a ser desenvolvida. O cronograma de trabalho deve ser uma referência de tempo para que o pesquisador possa se organizar e finalizar a pesquisa. Ele pode ser elaborado levando em conta qualquer divisão de tempo que seja adequado ao pesquisador: anos, meses, semanas, etc. O exemplo a seguir segue uma organização que considera os meses do ano.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

CRONOGRAMA DE OPERAÇÕES

Fases da pesquisa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1- Leituras**	X	X										
2- Organização das leituras**		X	X									
3- Coleta de dados estatísticos			X									
4- Organização do trabalho de campo			X									
5- Levantamento de dados de campo				X	X							
6- Sistematização dos dados estatísticos						X						
7- Sistematização dos dados de campo						X						
8- Preparação da cartografia							X					
9- Redação preliminar								X	X	X		
10- Redação final											X	
11- Defesa												X

** É claro que as leituras e sua organização são atividades desenvolvidas em todas as fases da pesquisa, contudo, é importante selecionar a bibliografia mais importante e realizar um trabalho de sistematização do material bibliográfico!

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

7. **Referências Bibliográficas:** é item obrigatório e num projeto de pesquisa pode ser dividido em duas partes. A primeira trata-se das referências lidas e citadas no corpo do texto do projeto. A outra parte pode ser uma bibliografia já contatada, mas ainda a ser lida num momento posterior à elaboração do projeto. Em geral, é utilizada apenas a primeira modalidade. É importante lembrar que, em se tratando da primeira modalidade, só deve estar listada a bibliografia realmente lida e citada no corpo do texto. No caso de não ser citada, não deve ser referenciada.

Lembre-se

Cada instituição possui seu "Manual de Normas Técnicas" que deve ser consultado para guiar a apresentação formal de uma proposta de pesquisa. Assim, informe-se sobre este documento e procure adequar seu projeto de pesquisa às normalizações requeridas pela instituição na qual você está desenvolvendo sua investigação.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

5 BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1998.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. 1986. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **O problema da escala. Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.

CONSTRUINDO A CIÊNCIA

CORRÊA, Roberto Lobato. Elaboração de Projeto de Pesquisa – um guia prático para Geógrafos. **Revista de Pós Graduação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, set. 1997.

COSTA, Ademir Araújo da. **A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal** – RN.

FERREIRA, Nádia Somekh. **A (des)verticalização de São Paulo**. 1987. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete Silva. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDES, Cesar Miranda. A verticalização na Cidade Jardim – Maringá: a descaracterização de um plano. In: SCARLATO, F. C. et al. (orgs). **Globalização e espaço latino americano**. São Paulo: Hucitec, 1993.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAMIRES, Julio Cesar. **A verticalização do espaço urbano de Uberlândia: uma análise da produção e consumo da habitação**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Elaboração crítica de projetos de pesquisa

SILVA, Joseli Maria. **A verticalização de Guarapuava – PR e suas representações sociais**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Maria Adélia de. **A identidade da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPÓSITO, Maria E. B. **O chão arranha o céu: a lógica da (re)produção monopolista da cidade**. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

